

EDUCAÇÃO PELA ARTE E SEU PAPEL NA SOCIEDADE DE CLASSES: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Sibele Sant Ana Santos Silva
Universidade Ruy Barbosa – UNIRUY (Brasil)
Endereço eletrônico: bellesantana@yahoo.com.br

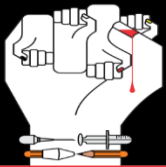
Genigleide Santos Hora
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (Brasil)
Endereço eletrônico: gshora@uesc.br

1150

INTRODUÇÃO

No longo percurso da Cultura Ocidental, a arte e a educação pela arte mudaram seus papéis sociais, inúmeras vezes, em cada tempo e em cada espaço geográfico. O certo é que elas estiveram e estão sempre presentes na história, desde o alvorecer da humanidade. A pintura parietal na pré-história, segundo as hipóteses mais prováveis, se deveu à magia propiciatória, visando sorte nas caçadas. Já as cerâmicas e artesanatos daquele mesmo tempo deixam claras as suas finalidades utilitárias. Mas, ambas indicam significativos aspectos ligados à sobrevivência dos nossos antepassados pré-históricos e, também, uma tênue presença de rudimentos estéticos (HAUSER, 1972).

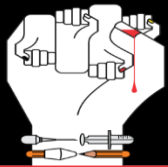
Na Antiguidade, Medievalidade até ao início da Modernidade, observamos um total predomínio das ideias religiosas nos temas artísticos, até hoje preservados na arte sacra. Mas, por trás do proselitismo religioso, jazia, subjacente, um sistema de classes sociais rígido e intransponível, cujos interesses econômicos eram a base fundamental. Na Modernidade, essa hierarquia começou a ser questionada. A descoberta do “Novo Mundo”, com suas riquezas; as descobertas científicas; a Reforma Luterana; bem como a implantação das primeiras fábricas na Inglaterra, propiciaram uma troca ou, ao menos uma parcela de poder, para uma burguesia nascente. Além disso, retiraram para sempre a supremacia absoluta dos aparelhos ideológicos: Igreja e Estado, que determinavam o sentido e o destino das artes. Daí, nos países protestantes, a arte se reconfigurou mais a serviço de uma elite burguesa enriquecida do que a serviço do catolicismo. Se, as universidades, a partir do século XIII, foram terrenos absolutos dos filósofos religiosos e tinham como principal função os estudos clássicos (trivium e quadrivium), filosóficos, escolásticos, teológicos e retóricos — com a ascensão da burguesia — a arte, e a educação para a arte, por sua vez, deixaram de atender somente ao mecenato religioso e



os artistas e artesãos passaram a receber encomendas de telas e paisagens de burgueses ricos, principalmente nos Países Baixos, o que obrigou os artistas a reverem seus temas, seus conceitos, e seus métodos de preparar novos artistas para as gerações vindouras.

Isso aconteceu mais pronunciadamente no período Barroco, que aconteceu do início do século XVI até o último quartel do século XVIII. A partir do século XIX, com o advento da arte neoclássica, do romantismo e do realismo e com a instalação da arte moderna, a partir de 1860, o rompimento com a arte sacra se precipitou (BAZIN, 1983). No Brasil, a arte Barroca chegou com os jesuítas, no século XVI, se consolidou com os mesmos jesuítas, franciscanos, beneditinos e carmelitas nos séculos XVII e XVIII e finalizando no último quartel do século XVIII com o barroco mineiro, também chamado de estilo rococó (HATZFELD, 1988). Com a vinda de Dom João VI para o Brasil, em 1808, foram criadas várias academias e cursos superiores, inclusive a Academia Real de Belas Artes, com a vinda da Missão Francesa. Sem sombra de dúvida, podemos dizer que foi a partir dessas circunstâncias, que a educação artística e a educação pela arte adquiriram o status de Educação Acadêmica, ou seja, de Academia de Arte. Com as criações das universidades brasileiras, as academias de Belas Artes, bem como as de Medicina, Engenharia, Direito, dentre outras, passaram a incorporar as mencionadas universidades. Vale lembrar que os movimentos modernistas iniciados na França em meados do século XIX, chegaram ao Brasil oficialmente em 1922, mas, apesar de terem revolucionado os conceitos de arte e estética, conviveram bem com os cânones clássicos que davam sustentação ao desenho e à pintura acadêmica.

Nosso tema é exatamente este: entender essa migração dos artistas (mestres) e dos artistas (aprendizes) das oficinas e incubadoras, para as academias de estudos clássicos, mais tarde, incorporadas às universidades. Nosso objeto é investigar como se dá esse processo ensino-aprendizagem na contemporaneidade, focalizando o espaço universitário como universo das oficinas de arte e incubadoras do conhecimento e da pesquisa. Nossa justificativa é exatamente suprir a ausência de pesquisas nessa área, se bem que importantes estudos já tenham sido feitos. Optamos por focar a Escola de Belas Artes desde a sua fundação até os seus desdobramentos atuais: Licenciatura em Desenho e Plástica, Artes Plásticas, Design e Curso Superior em Decoração, dentre outros, que substituíram as oficinas, corporações de ofícios, guildas, escolas de artífices, universidades medievais (na Europa, é claro), ordens religiosas até serem subsumidas pela Universidade no seu modelo atual, inserido no modelo capitalista e eivado do



conhecimento científico. Este trabalho é parte de uma pesquisa maior e pretendemos mapear um pouco a situação do ensino das artes na Bahia.

Desenvolvemos nossa coleta, discussão e análise alternando com as ideias e conceitos de: Masi (2003); Castro, Gomes e Carvalho (2001); Santos (1997); Barbosa (2002); Estrada (1995); Rescala (1984); Flexor (1974); Nunes (1906); Demo (1998); e Pevsner (2005); além dos conceitos fundamentais dos clássicos da História Universal da Arte e da Arte Barroca como Hauser (1972); Hatzfeld (1988); Tapié (1983) e Bazin (1983). Com as leituras, percebemos que, mesmo em universos diferentes, as oficinas embrionárias surgiram da necessidade de profissionalização e ascensão social, mas, acima de tudo, pela necessidade de criar e pela busca de um reconhecimento intelectual. Optamos por um estudo bibliográfico e documental de abrangência temporal maior, devido à necessidade de compreender os princípios fundamentais da História da Arte e os argumentos de autoridade, e por compreender que as categorias dialéticas (passado, presente, futuro, aparência e essência, o todo e a parte) são as mais adequadas para entender a complexidade do tema.

1152

DESENVOLVIMENTO

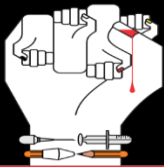
Na Bahia, um dos pioneiros nas mudanças na educação para a arte foi José Joaquim da Rocha (1737-1807), o qual deixou vários discípulos e influenciou duas gerações de discípulos, destacando-se Antônio Joaquim Franco Velasco (1780-1833) e José Teófilo de Jesus (1758-1847). É possível perceber a importância desse artista para o ensino das artes na Bahia, uma vez que o mesmo não fundou uma escola como espaço e instituição, mas, por meio de oficinas que surgiam, também, de uma necessidade de demanda de mercado. Arte, conseqüentemente, surgida nos canteiros das obras das igrejas baianas, com método mais prático do que teórico. O conhecimento era transmitido de geração a geração, formando bons pintores como, por exemplo, os discípulos de José Joaquim da Rocha, já mencionados: José Teófilo de Jesus e Antônio Joaquim Franco Velasco. Este último foi fundador da primeira aula pública de desenho realizada em Salvador. Seus discípulos se tornaram mestres, em sua maioria, e estes, por sua vez, também tiveram discípulos que se tornaram mestres, e assim sucessivamente, dando continuidade ao conhecimento e aprimoramento da pintura e outras modalidades artísticas na Bahia. Destarte, o conhecimento foi gerado durante quase cem anos nestas

Realização:



Apoio:





oficinas incubadoras da arte baiana. Em 1872 foi fundado o Liceu de Arte e Ofício e, cinco anos depois, a academia (que depois seria a Escola de Belas Artes) foi criada, mantendo como característica primordial uma relação estreita entre aluno e professor, semelhante à de mestre e discípulo. Como foi o exemplo do seu fundador Miguel Navarro y Cañizares (1834-1921), que teve como discípulo Manuel Raimundo Querino (1851-1923); e Manuel Lopes Rodrigues (1860-1917) o qual, dentre os seus discípulos, um dos mais famosos foi Prisciliano Silva (1883-1965). Este ciclo de mestres e discípulos característicos das oficinas, como exemplificamos na arte baiana, é ainda encontrado no universo acadêmico atual, em outro contexto, é evidente. Tal acontece em uma relação de fascínio do saber, atualmente não mais nas oficinas, e sim nos galpões da Escola de Belas Artes.

1153

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, os artistas, portadores de vários mecanismos, artifícios e regras, além da sensibilidade e talento, não se tornaram, de forma alguma, detentores apenas do conhecimento artístico, mas do conhecimento acadêmico, que se dá dentro e fora do âmbito universitário. O processo criativo, conseqüentemente, é dado mediante a ação de ensino-aprendizagem. Mesmo não usufruindo as ferramentas que a sociedade define como científicas, está presente no dia a dia das oficinas, a grande arte do conhecer, decorrente da arte de desvendar, experimentar, pesquisar e criar. Por meio destes recursos a academia de arte se tornou um prolongamento, uma metamorfose das oficinas. Fazendo conexão entre passado e presente, foi possível perceber que, mesmo em universos diferentes, as oficinas embrionárias surgiram de uma necessidade de sobrevivência, ascensão social, mas, acima de tudo, de um reconhecimento intelectual. A partir da Modernidade as universidades se inseriram no modelo capitalista, orientadas pelo conhecimento científico o qual determina os caminhos das escolas de arte. Faz-se necessário dizer, conforme outros trabalhos atestam, que as universidades brasileiras (públicas ou particulares), inclusive os cursos de arte, passaram a ser espaços destinados às classes mais favorecidas da sociedade brasileira.

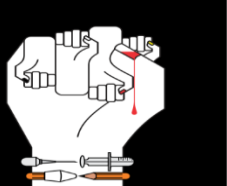
PALAVRAS-CHAVE: Arte. Educação. Oficinas de Arte. Academias. Universidade.

Realização:



Apoio:





REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CASTRO, F. C.; GOMES, P.; CARVALHO, M. A. V. Caminhos da universidade rumo ao século XXI: pontos e estratégias para a sua orientação na visão de educadores brasileiros. **Paidéia: cadernos de psicologia e educação**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 18, p. 08-27, 2001.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 1998.

ESTRADA, Gonzaga Duque. **A arte brasileira: introdução e notas de Tadeu Chiarelli**. - Campinas: Mercado das Letras, 1995. (Coleção Arte: Ensaios e Documentos).

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. v. 2. São Paulo, Mestre Jou, 1972.

HATZFELD, Helmut. **Estudos Sobre o Barroco**. (Trad.) Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1988 (Coleção Stylus; 8).

BAZIN, Germain. **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2 vol.

FLEXOR, Maria Helena M. Ochi. **Ofícios mecânicos na cidade do Salvador**. Salvador: Centro Editorial e Didáticos da UFBA, 1974.

MASI, Domenico De. **Criatividade e grupos Criativos**. Tradução Léa Manzi e Yadyr Figueiredo. RJ: Sintante, 2003.

NUNES, Dr. Tristão R. **Noções sobre a pintura d'arte de Pintura na Província da Bahia**. Rio de Janeiro: Manuscrito, 1906.

PEVSNER, Nikolaus. **Academias de arte passado e presente**. Trad. Vera M. Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RESCALA, João José. **Restauração de obras de arte: pinturas, imaginárias, obras sacras**. Salvador: Centro Editorial e Didáticos da UFBA, 1984.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice, o social e o político na Pós-modernidade**, 3a. ed. São Paulo: Cortez, 1997.